

**RACISMO RECREATIVO NO BRASIL:
UMA ANÁLISE DO CASO VIVENCIADO PELO PROFESSOR
DE GEOGRAFIA, JOÃO LUIZ PEDROSA,
NO BIG BROTHER BRASIL 2021 (BBB 21)**

Raquel do Rosario Silva (UENF)

raqueldorsilva@gmail.com

Gabriela do Rosario Silva (UENF)

gabi.dorsilva@gmail.com

Camila do Rosario Silva Barreto (UENF)

camiladorsbarreto@gmail.com

Shirlena Campos de Souza Amaral (UENF)

shirlenacsa@gmail.com

RESUMO

A prática do racismo velado, por meio de algumas ações e expressões, fere a imagem e a identidade das pessoas negras. Esse formato de racismo se manifesta em diversos momentos, a saber, por meio de piadas, comentários, dentre outros, os quais soam, por parte dos enunciadores, como algo natural, uma simples “brincadeira”. Todavia, tais “brincadeiras” ofendem a aparência física dos negros, alocando-os em uma posição de inferioridade e de subalternidade na sociedade brasileira. Essa modalidade de racismo, o qual designa um formato de política cultural que faz uso do humor para expressar hostilidades em relação às minorias raciais, foi cunhado por Moreira (2019) de Racismo Recreativo. A partir desse conceito, o presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre o caso de Racismo Recreativo vivenciado pelo professor de Geografia, João Luiz Pedrosa, durante a participação no *Reality Show Big Brother Brasil*, no ano 2021 (BBB 2021). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em caráter bibliográfico, fundamentada em autores como: Freyre (1954), Schuarz e Queiroz (1996), Souza, (1997), Nogueira (2006), Almeida (2018), Moreira (2019), Ribeiro (2019), dentre outros. A análise realizada permite refletir sobre a importância de as temáticas envolvendo as relações étnico-raciais serem discutidas, sobretudo, no que concerne ao Racismo Recreativo, manifestado, de forma sutil, no Brasil. Tal formato de racismo incide em algo que endossa a disseminação de práticas racistas veladas, naturalizadas, soando como um impeditivo para que mecanismos legais e demais ações em defesa das vítimas, de fato, ocorram.

Palavras-chave:

BBB21. Racismo Recreativo. João Luiz Pedrosa.

ABSTRACT

The practice of veiled racism, through some actions and expressions, hurts the image and identity of black people. This format of racism manifests itself at various times, namely, through jokes, comments, among others, which sound, on the part of the enunciators, as something natural, a simple “joke”. However, such “jokes” offend

the physical appearance of blacks, placing them in a position of inferiority and subordination in Brazilian society. This modality of racism, which designates a cultural policy format that makes use of humor to express hostilities towards racial minorities, was coined by Moreira (2019) from Recreational Racism. Based on this concept, this paper aims to discuss the case of Recreational Racism experienced by the Geography teacher, João Luiz Pedrosa, during his participation in the Reality Show Big Brother Brasil, in 2021 (BBB 2021). It is a qualitative research, in bibliographic character, based on authors such as: Freyre (1954), Schuarcz and Queiroz (1996), Souza, (1997), Nogueira (2006), Almeida (2018), Moreira (2019), Ribeiro (2019), among others. The analysis carried out allows us to reflect on the importance of the themes involving ethnic-racial relations being discussed, above all, regarding Recreational Racism, manifested, in a subtle way, in Brazil. This format of racism affects something that endorses the spread of veiled, naturalized racist practices, sounding like an impediment for legal mechanisms and other actions in defense of victims to take place.

Keywords:

BBB21. Recreational Racism. João Luiz Pedrosa.

1. Introdução

A história do povo brasileiro é marcada por lutas e perseguições, pois, no Brasil, ainda persiste um discurso que vai de encontro à realidade do País, manifestado por enunciações em prol da negação do racismo na nação, fundamentado por diversos fatores, dentre esses, a Teoria da Democracia Racial, defendida pelo sociólogo brasileiro, Gilberto Freyre (1954), em sua obra *Casa-grande & Senzala*, momento no qual relata sobre certa “convivência harmônica” entre negros e brancos no Brasil, fruto da miscigenação entre as raças.

Essa visão harmônica entre as raças foi desconstruída pelos estudos do sociólogo Florestan Fernandes, em 1964, que afirmou ser a teoria da Democracia Racial apenas um Mito, ou seja, uma ideologia que dificultou o progresso da população negra no Brasil. Porém, mesmo detectando que a teoria Freyreana se trata de um Mito da Democracia Racial – pois não há uma plena igualdade entre as raças devido à posição de desvantagem econômica da população negra e à imensa segregação entre os povos negros e brancos – teorias e práticas racistas com esse enfoque ainda continuam a ser defendidas e exercidas, em pleno século XXI, por diversos grupos sociais.

Assim, percebe-se que mesmo com os debates, avanços e lutas contra as práticas racistas na sociedade brasileira, muito ainda resta a ser feito, pois todos os dias a população negra vem lutando contra o preconceito, a discriminação e as desigualdades raciais e sociais. Todos

os dias são noticiados na mídia assuntos envolvendo as altas taxas de violência contra as pessoas negras, que sofrem e morrem apenas por serem negras.

Ao longo da história brasileira, o negro foi estereotipado por meio de uma visão simplificada e negativa, tais como: objeto de consumo, maus, selvagens, feios, sujos, incapazes, pobres, desonestos, dentre outros estereótipos. Com isso, é notória uma visão negativa e de inferioridade em relação a esse grupo populacional.

Nas mídias e nos meios de comunicação, a população negra possui baixa representatividade. Quando aparecem, estão em papéis que reforçam os estereótipos negativos sobre o negro, tais como: favelado, elemento de diversão para o público branco, pobre, criminoso, dentre outros. Em diversos momentos, aparecem ocupando cargos socialmente entendidos como subalternos, a saber, porteiros, empregadas domésticas, feirantes, babás, dentre outros nas novelas, nas séries, nos programas e comerciais de TV. Raramente, estão em papéis de grandes destaques, tais como: protagonistas, médicos, advogados, juízes, dentre outros. O que denota um racismo velado, ao criar um ideário de que o negro só poderá ocupar determinados cargos ou funções, isto é, nunca conseguirão alcançar um lugar de prestígio social.

A prática do racismo velado, por meio de algumas ações e expressões, fere a imagem e a identidade das pessoas negras. A todo momento, a população negra ouve piadas, comentários e brincadeiras que ofendem a sua aparência física e a coloca em uma posição de subalternidade na sociedade. A mídia investe, fortemente, em programas de humor na TV, como, por exemplo, no gênero comédia, que é um dos gêneros mais procurados pela população brasileira. O pior é que muitas vezes o fenótipo da pessoa negra é utilizado nesses programas de humor, por meio de piadas e figuras de entretenimento, que causam efeitos para além do momento em que estão sendo contados.

O jurista e professor de Direito Antidiscriminatório, Adilson José Moreira, designa esse tipo de política cultural que faz uso do humor para expressar hostilidades em relação a minorias raciais, de Racismo Recreativo. Esse termo foi cunhado pelo jurista em seu livro homônimo *Racismo Recreativo*, da coleção Feminismos Plurais, coordenada pela filósofa, Djâmila Ribeiro, da Editora Jandaíra, ex-Pólen.

Em virtude de o racismo incidir em uma questão discursiva, o presente artigo tem como objetivo analisar os discursos envolvendo o

caso de Racismo Recreativo vivenciado pelo professor de Geografia, João Luiz Pedrosa, durante a sua participação no *Reality Show Big Brother Brasil* no ano 2021 (BBB21).

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, em caráter bibliográfico, fundamentada em autores como: Freyre (1954), Schuarcz e Queiroz (1996), Souza, (1997), Nogueira (2006), Almeida (2018), Moreira (2019), Ribeiro (2019), dentre outros. A análise realizada permite refletir sobre a importância de as temáticas envolvendo as relações raciais serem discutidas, sobretudo, no que concerne ao Racismo Recreativo, manifestado, de forma sutil, no Brasil. Tal formato de racismo incide em algo que endossa a disseminação de práticas racistas veladas, naturalizadas, soando como um impeditivo para que mecanismos legais e demais ações em defesa das vítimas, de fato, ocorram.

Para tanto, o estudo encontra-se estruturado em duas seções: na primeira, faz-se uma interlocução acerca da importância de serem discutidas temáticas atinentes às reações étnico-raciais no Brasil, momento no qual se dialoga sobre o racismo brasileiro e suas nuances. A segunda, por sua vez, está voltada à análise do caso de Racismo Recreativo vivenciado pelo professor de Geografia, João Luiz Pedrosa, durante a sua participação no BBB 21.

2. *Racismo no Brasil e suas nuances: a importância de um debate*

A presente seção é iniciada com a seguinte indagação: Por que falar sobre racismo no Brasil? Porque se não for falado, irão ser dificultadas as ações em prol do seu combate. Afinal, não se combate o que não existe. Para o racismo, o silêncio não é a melhor resposta. Mas, o que é racismo?

De acordo com Almeida (2018),

Podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2018, p. 25)

A partir dessa definição, nota-se que o racismo consiste em atitudes discriminatórias que estão atreladas ao conceito de raça, ou seja, a ideia de que existe uma hierarquia entre as raças e, por conseguinte, de

que existe uma raça superior em detrimento de outras. O racismo pode ocorrer de forma consciente, por meio de práticas discriminatórias. Todavia, também age de forma inconsciente, o que não deixa de surtir os mesmos efeitos, pois continua culminando em desvantagens ou privilégios para determinados grupos.

No Brasil, o racismo velado é um dos grandes desafios a ser enfrentado. Interpretado como um crime de injúria racial – de menor gravidade – em virtude, sobretudo, da difícil comprovação se a pessoa teve ou não a intenção de praticar o ato. Porém, vale relatar que a dor que o ser humano sofre com relação a esse tipo de racismo é a mesma dor de um racismo feito de forma escancarada. Por isso, é preciso ficar atentos a esse tipo de preconceito velado, para que esse não continue a ser tratado pela sociedade de forma naturalizada.

Segundo Schuarcz e Queiroz (1996), diferentemente de outros países, no Brasil, algumas coisas importantes e graves são praticadas, mas não são debatidas. Essa ação se sucede tanto pela vítima quanto pela pessoa que a praticou. O que contribui para um dos motivos do racismo silencioso, o qual não é alvo de atenção e promoção da conscientização. Assim, segundo os autores, o racismo brasileiro, mesmo não causando alarde e demonstrando rigidez, não deixa de ser altamente eficiente em seus objetivos.

[...] Estamos num país onde certas coisas graves e importantes se praticam sem discurso, em silêncio, para não chamar atenção e não desencadear um processo de conscientização, ao contrário do que aconteceu nos países de racismo aberto. O silêncio, o implícito, a sutileza, o velado, o paternalismo, são alguns aspectos dessa ideologia. O racismo brasileiro na sua estratégia age sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz; é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente em seus objetivos. Essa ideologia é difundida no tecido social como um todo e influencia o comportamento de todos- de todas as camadas sociais, e até mesmo às próprias vítimas da discriminação racial. (SCHUAR CZ; QUEIROZ, 1996, p. 214-15)

Por muito anos, a negação do racismo vem repercutindo na sociedade brasileira. Esse fato advém da ideologia defendida por Gilberto Freyre (1954), que assevera que, no Brasil, não existe racismo devido à miscigenação entre as raças três raças, a saber, a branca, a indígena e a negra. Tal teoria trata-se de uma proposição que rompeu com as teorias racistas predominantes no século XIX, as quais enfatizavam ser a população negra responsável pelo atraso da nação. Contudo, quando Freyre (1954) apresentou a mestiçagem como solução para o conflito existente entre as raças, alavancou, também, uma série de questões que

corroboraram para o não reconhecimento do racismo, e como não se combate o que não existe, esse continuou sendo exercido na sociedade brasileira, tanto de forma escancarada, por meio da imensa segregação entre negros e brancos, quanto de forma velada, a partir das práticas e do discurso da meritocracia. De acordo com Almeida (2018),

No Brasil, a negação do racismo e a ideologia da democracia racial sustentam-se pelo discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras que, eventualmente, não fizeram tudo que estava a seu alcance. Em um país desigual como o Brasil, a meritocracia avaliza a desigualdade, a miséria e a violência, pois dificulta a tomada de posições políticas efetivas contra a discriminação racial, especialmente por parte do poder estatal. No contexto brasileiro o discurso da meritocracia é altamente racista, vez que promove a conformação ideológica dos indivíduos com a desigualdade racial. (ALMEIDA, 2018, p. 63)

Para Jessé Souza (1997), o Brasil é “apenas” o reino da hipocrisia racial, pois, enquanto os Estados Unidos (EUA) explicitam o contexto da desigualdade racial, o Brasil continua encobrendo a existência dessas desigualdades. Assim, pode-se perceber que o racismo no Brasil não é escancarado e, com certeza, este é um dos reais motivos que até hoje ainda não foi possível combatê-lo. Segundo Souza (1997),

O racismo contra os negros certamente acarreta, para nós, brasileiros, uma dificuldade nem sempre visível mas, não obstante, fundamental. É que, como cada ser humano precisa, além de assegurar sua sobrevivência material mais óbvia, de “reconhecimento” para o livre desenvolvimento da sua personalidade e construção de uma auto-estima mínima, é razoável supor que sociedades, do mesmo modo que os indivíduos, além da reprodução material também possuem o desafio da construção de uma identidade simbólica que garanta a unidade e a cooperação entre seus membros. (SOUZA, 1997, p. 30)

Consonante o sociólogo Oracy Nogueira (2006), no Brasil, o preconceito foi designado como preconceito de marca. Já nos EUA, o preconceito foi designado como de origem. Por esse motivo, ser negro nos EUA é totalmente diferente do Brasil. No Brasil, o negro é estigmatizado devido ao seu fenótipo. Assim, mesmo se uma pessoa possuir fisionomia, característica de uma pessoa negra, mas a sua cor for branca, essa pessoa é considerada branca, de acordo com o senso comum. Assim, a intensidade do preconceito no Brasil pode variar em relação à proporção direta aos traços negroides. Nos EUA, por sua vez, uma mesma pessoa com tais características é considerada negra, podendo sofrer racismo.

Não obstante, o racismo não se resume apenas a preconceitos e a julgamentos apoiados em estereótipos. O principal objetivo do racismo é promover a ideia de privilégios, isto é, uma sociedade estruturada com base na discriminação que privilegia determinado grupo em detrimento de outro. Assim, no País, tem-se um racismo estrutural que continua perdurando ao longo da história, por intermédio da falta de oportunidades, do preconceito e da segregação imposta à população negra. Esse tipo de racismo está presente no cotidiano dos brasileiros, por meio de hábitos, discursos e ações. Por isso, muitas vezes é visto com naturalidade, a ponto de torna-se imperceptível. Consoante Almeida (2018),

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. [...]. (ALMEIDA, 2018, p. 38)

O Brasil é um país diverso que possui elevado índice de discriminação racial. O negro sofre cotidianamente com a exclusão no mercado de trabalho, no sistema educativo, na saúde de qualidade, nos espaços de lazer e no acesso à cultura. Por esse motivo, urge como imperioso discutir sobre o assunto, pois é devido à cor da pele que a maior parte da população brasileira está sendo excluída das instituições e da sociedade brasileira como um todo.

É perceptível, ainda, a presença de um racismo institucional, o qual ocorre tanto em instituições públicas quanto em instituições privadas. Nesse tipo de racismo, a desigualdade de tratamento entre negros e brancos acontece de forma direta e indireta dentro de tais instituições. Por isso, a importância da discussão sobre racismo, a fim de difundir conhecimentos sobre o assunto e poder apresentar mecanismos legais em defesa das vítimas, pois é debatendo e discutindo sobre esse tipo de crime que haverá, de fato, a tão almejada igualdade racial.

3. *Análise do Caso de Racismo Recreativo envolvendo o professor de Geografia, João Luiz Pedrosa*

Não é de hoje que a população negra brasileira vem sendo estigmatizada por meio de brincadeiras e comentários de cunho racistas e preconceituosos sobre a sua aparência física. O não interrompimento dessas brincadeiras e comentários, logo no seu surgimento, faz com que a

sociedade normalizasse esses tipos de atitudes, que continuam se repercutindo ao longo do tempo de forma direta e indireta.

Por isso, a importância das discussões envolvendo relações étnico-raciais como uma estratégia coibidora da perpetuação de tais atos, de modo a colaborar para que a sociedade perceba e entenda a dor do outro, pois tais atitudes machucam e mexem em cicatrizes que ainda não foram curadas em sua totalidade. Assim, é preciso, mais do que nunca, difundir conhecimentos sobre esse tipo de crime, para que tais brincadeiras e comentários não sejam mais exercidos na sociedade de forma naturalizada.

Ante o exposto, a discussão proposta no presente artigo emergiu em virtude de um fato decorrente no ano 2021, durante um comentário com teor racista que causou grande polêmica dentro do *reality show* denominado Big Brother Brasil 2021(BBB21) e na Internet. Enquanto se vestia com o figurino de homem das cavernas juntamente com o seu melhor amigo, Caio Afiune, que também foi castigado com o castigo do monstro Idade da Pedra, o participante do *reality* Rodolfo Matthaues, um cantor sertanejo famoso, comparou a peruca do figurino com o cabelo *black power* do participante João Luiz Pedrosa, negro, homossexual e Professor de Geografia, que estava no local junto com a participante Juliette Freire, que é advogada, ajudando-os com a vestimenta da fantasia.

Na comparação, o cantor sertanejo Rodolfo comentou para o seu amigo Caio: “*Nós tá com o cabelo quase igual ao do João*”. A participante Juliette Freire complementou: “*É, um black power*”. O professor de Geografia, João Luiz Pedrosa, ao não conseguir retrucar o comentário preconceituoso, apenas respondeu: “*Não, não é. É diferente*”. A advogada concordou com a fala do professor: “*Não é, né? Mas se tivesse curto e bem-feitinho, aparado*”.

Após o ocorrido, João Luiz chorou ao conversar com a participante, negra, influenciadora digital e *youtuber*, Camilla de Lucas, na despenha do BBB21, sobre o desconforto que ele sentiu ao ouvir o comentário feito sobre o seu cabelo pelo participante Rodolfo Matthaues. O professor relatou que ficou muito assustado, por isso não conseguiu falar. A participante Camilla de Lucas, que era uma das suas melhores amigas dentro da casa, acolheu o amigo, falando que: “*Na hora a gente não tem nem reação*”.

O participante confirmou que ficou sem reação, mas que ele imaginava que teria outro tipo de reação, de falar que não achou legal.

Observe um pouco da conversa que João Luiz teve com Camilla de Lucas:

“Na hora eu fiquei muito sem reação. Só consegui falar que era diferente. Situações como essa eu nunca tinha passado aqui dentro e não achei que passaria, só teve um momento com o próprio Rodolfo quando ele falou: ah, não sei o quê, que o cabelo que é ruim e tal e eu falei, não o cabelo não é ruim, o cabelo é diferente, é crespo, liso, ondulado. Foi, mas ele não estava falando de um cabelo de um tipo específico, entendeu? E hoje ele estava fantasiado de um homem das cavernas, e associar uma peruca de homem das cavernas ao meu cabelo foi muito chato. Ele falou: Ah, meu cabelo está quase igual ao do João, negócio assim, quase igual ou igual, um negócio assim. Uma parada desse jeito. E esse tipo de situação, não era uma situação que tinha vivido aqui dentro em momento algum, sabe? Então, na hora que aconteceu, eu fui pra um lugar na minha cabeça que eu não imaginei que eu precisaria acessar. Entendeu? E, ao mesmo tempo, aquele papo que eu tive lá no quarto com você, eu não quero estar nesse lugar de ficar toda hora corrigindo, sabe? É aquele papo do primeiro dia: se eu errar você me fala... Mas às vezes eu acho que não precisa, tipo, ficar corrigindo toda hora as pessoas, as pessoas precisam perceber que isso é errado, não sou eu que tem que ficar falando. Que saco! [...] Eu não queria passar, por isso aqui. E nem ficar tipo, sendo o chatão de ficar falando... Não é chato é uma coisa que eu senti, entendeu? E aí não foi legal. E eu não quero ficar nesse lugar de correção, porque as pessoas precisam aprender[...]”

A participante Camilla de Lucas deu um abraço no professor de geografia, demonstrando o seu apoio e o elogiando: *“Seu cabelo é lindo, você é lindo. É sério, eu não estou brincando. Eu te entendo!”* A participante continuou: *“A gente pensa que está acabando, mas nunca acaba. Resistência crespa.”*

Além de perceber que a fala da participante revela que ela já deve ter vivenciado algum tipo de preconceito racial, também se nota o uso do termo “Resistência Crespa” pela participante. Ao fazer uso desse termo, Camilla de Lucas referiu-se ao Movimento Político Resistência Crespa, que busca combater o racismo estrutural e estruturante, por meio do reconhecimento como pessoas negras, bem como a aceitação do cabelo crespo.

A participante Camilla de Lucas reflete, em sua fala, um posicionamento discursivo, o qual, de forma explícita, revela um posicionamento em prol de defender a importância da luta pelo reconhecimento e pela aceitação do cabelo crespo, elemento fundamental e que faz parte de uma identidade que está relacionada à ancestralidade africana.

O cabelo *black power* não é só uma questão estética, mas também um símbolo de resistência. Esse tipo específico de cabelo não era valorizado na sociedade, inclusive pela própria pessoa negra, que buscava alisamentos para diminuir a imagem da identidade negra. Ao longo dos anos, o cabelo Afro foi utilizado como motivo de piadas que, na maioria das vezes, foram socialmente aceitas na sociedade, naturalizadas.

Ademais, analisando o discurso proferido pelo Professor João Luiz com a participante Camilla de Lucas, verifica-se que o cantor sertanejo Rodolfo já tinha feito um comentário negativo em outras ocasiões sobre cabelo, e que o próprio Professor de Geografia chegou a corrigi-lo na hora. A questão que o professor apontou sobre o comentário feito dessa vez sobre o seu cabelo é que, além do cantor estar fantasiado com o figurino de homem das cavernas, ele estava falando de um tipo de cabelo específico.

O caso polêmico continuou repercutindo no programa e na mídia durante o Jogo da Discórdia do BBB21. No Jogo da Discórdia, os participantes tinham que apontar o melhor jogador, o pior jogador e quem joga sujo. O professor João Luiz apontou o jogo sujo para o participante Rodolfo Matthaus e aproveitou a ocasião para relatar sobre o comentário racista que ele ouviu do cantor. O discurso que foi proferido pelo professor pode ser lido no seguinte trecho:

No sábado, aconteceu uma situação lá no quarto cordel que estava eu, Caio, Rodolfo e Juliette, e eu estou dizendo isso agora porque pra mim é um momento de muita coragem poder estar falando isso aqui, agora. Mas o Rodolfo chegou a fazer uma piada comparando a peruca do monstro da pré-história com o meu cabelo. Então, isso pra mim tocou num ponto muito específico, porque o jogo pode ser sim, de coisas que a gente vive aqui dentro, mas ele também tem que ser um jogo de respeito. Eu te daria mais umas quatro flechas daquela.

Após o desabafo do professor João Luiz, o apresentador do programa, Tiago Leifert, deu a oportunidade para o cantor sertanejo Rodolfo dizer alguma coisa. Todavia, a fala proferida pelo cantor sertanejo reverbera o racista: “*Cara, se todo mundo observou como que era a peruca do monstro, acredito eu que é um pouco semelhante. E não tem nada a ver isso*”.

O professor de Geografia interrompeu o cantor chorando:

Não é, não é. E naquela hora no quarto Rodolfo, eu me calei, eu fiquei calado lá dentro, e eu não falei nada. Mas, você não sabe o quanto que

aquilo que você falou me machucou, me machucou muito. [...] E não adianta vir com discurso que você não teve a intenção, que eu estou cansado de ouvir isso, não é só aqui dentro, é lá fora também. Nunca ninguém teve a intenção de machucar. Nunca ninguém teve a intenção de fazer as coisas com a gente. Você não está entendendo! Por que não é mais fácil para você reconhecer que errou, cara? E se fala pra mim que é semelhante. Você acabou de afirmar. Você está reafirmando a mesma coisa que você falou. Eu não estou em um desenho animado! Eu não sou a Pedrita pra ficar usando peruca de pré-história, não! Tem osso no meu cabelo? Não tem não, irmão! Não tem não! Você pode não sentir, mas eu sinto isso aqui todo dia, desde o dia que nasci, véi.

O comentário feito pelo participante Rodolfo Matheus (BBB21) dialoga com um contexto histórico de uma sociedade escravocrata, que só enxerga o negro a partir de estereótipos negativos e simplificados, tais como: selvagem, ignorante, sujo, mau, dentre outros.

A todo momento, a população negra ouve piadas, comentários e brincadeiras que ofendem a sua aparência física e a coloca em uma posição inferior e subalterna na sociedade. A mídia investe, de forma intensa, em programas de humor na TV, com destaque para o gênero comédia, um dos gêneros mais procurados pela população brasileira. O pior é que, em diversos momentos, o fenotipo da pessoa negra é utilizado nesses programas de humor por meio de piadas e figuras de entretenimento, que causam efeitos para além do momento que estão sendo falados.

Moreira (2019) designa esse tipo de política cultural – que faz uso do humor para expressar hostilidades em relação às minorias étnico-raciais – de Racismo Recreativo. Nas palavras do autor,

O racismo recreativo existe dentro de uma nação altamente hierárquica e profundamente racista que formulou uma narrativa cultural de cordialidade racial. Ele reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória, ao mesmo tempo que encobre o papel essencial da raça na construção das disparidades entre negros e brancos.¹ (MOREIRA, 2019)

Após toda a repercussão causada dentro da casa do BBB21, a participante Camilla de Lucas e a cantora Pocah – que durante o jogo da discórdia falou que o mínimo que cantor sertanejo deveria fazer era pedir

¹ Esse conceito de racismo recreativo foi dado pelo jurista e professor Adilson José Moreira em entrevista à Carta Capital, disponível em <https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/>. Acesso em: 16/08/2021.

desculpas para o João Luiz – conversou com o cantor Rodolfo Matthaus, que relatou para as participantes:

O meu pai durante a fase que ele saía pra rua, que ele era jovem, ele tinha o cabelo igualzinho, inclusive com um pouco de semelhança, de fisionomia com o João. Eu falei isso comece no começo: João, meu pai tinha um cabelo igual ao seu, o apelido dele era chupe, eu não sei nem o que que é isso! Ele me conta isso, meu pai me conta isso. Eu não sei nem o que que é! Se é um... Não sei o que que é! Então, assim, você acha que eu desrespeitarei o meu pai para contrariá-lo.

A participante Camilla de Lucas o interrompe: *Deixa eu te falar uma coisa, o que a gente mais luta hoje, quem tem cabelo crespo, é justamente...* O participante Rodolfo Matthaus interrompe a participante, falando que: *Eu tenho cabelo crespo, isso aqui é alisado.*

A participante Camilla de Lucas continua:

Não, Rodolfo! Deixa eu te falar, existe uma diferença entre cabelo cacheado, crespo, liso e ondulado. Deixa eu te falar uma coisa o que a gente mais luta hoje, é pela aceitação do nosso cabelo, e justamente essas comparações, talvez não seja a sua intenção, mas isso magoa e pra gente que ouve é cansativo.

O cantor interrompe a *youtuber*, falando o seguinte:

*Camilla, novamente eu repito o cabelo do meu pai. A *youtuber* o interrompe: Eu não sei, eu não sei, eu não vi o cabelo do seu pai. O cantor sertanejo continua: Eu tô falando pra você que é igualzinho, igualzinho.*

Camilla de Lucas, novamente, interrompe o cantor: *Pergunte para o João, pergunte, pergunte para o João! Mas, mesmo que seja igual, foi uma brincadeira e de mal gosto.*

Ressalta-se que, a alegação de falta de conhecimento sobre o assunto, que seus atos não são racistas, que tem pessoas negras na família e que não teve a intenção de machucar ou magoar a pessoa que sofreu o racismo são alguns dos discursos mais utilizados pelas pessoas atualmente. Djamilia Ribeiro (2019) apresenta em seu *Pequeno Manual Antirracista* a importância da compreensão sobre os mecanismos pelos quais o racismo opera, por parte das pessoas brancas, para não promover a sua reprodução.

Dessa forma, é fundamental que pessoas brancas compreendam os mecanismos pelos quais o racismo opera, pois podem reproduzi-los acreditando estarem imunes por terem um marido, uma esposa ou um filho negro. Estar atento ao que a pessoa negra da família relata é um passo importante. Fala-se muito em empatia, em colocar-se no lugar do

outro, mas empatia é uma construção intelectual, ética e política. Ao amar alguém de um grupo minorizado, deve-se entender a condição do outro, para que se possa, de fato, assumir ações para o combate de opressões das quais a pessoa amada é vítima. É uma postura ética: questionar as próprias ações em vez de utilizar a pessoa amada como escudo. A escuta, portanto, é fundamental. (RIBEIRO, 2019, p. 44)

De acordo com Ribeiro (2019), por mais que as pessoas admitam que existe racismo no Brasil, quase ninguém se assume como racista. A primeira coisa que fazem é negar o seu comportamento racista, alegando que tem amigos negros, deu uma oportunidade de emprego para uma pessoa negra ou que nunca xingou uma pessoa negra.

Como vimos, a maioria das pessoas admite haver racismo no Brasil, mas quase ninguém se assume como racista. Pelo contrário, o primeiro impulso de muita gente é recusar enfaticamente a hipótese de ter um comportamento racista: “Claro que não, afinal tenho amigos negros”, “Como eu seria racista, se empreguei uma pessoa negra?”, “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra?”. (RIBEIRO, 2019, p. 20)

O caso de racismo envolvendo o participante João Luiz Pedrosa continuou repercutindo no dia de eliminação do BBB21. Estavam no paredão os participantes, Caio Afiune, Gilberto Nogueira (chamado de Gil do Vigor, dentro da casa) e o cantor sertanejo Rodolfo Matthaus, que acabou sendo eliminado do programa. Durante a eliminação, o jornalista e apresentador do programa Big Brother Brasil 2021, Tiago Leifert, discursou sobre o episódio envolvendo o participante João Luiz Pedrosa:

Hoje, eu vou desligar o modo apresentador um pouco, dá uma pausa no jogo e falar como fã de vocês, como uma pessoa que tem o privilégio de ser a única pessoa, o único ser humano que fala com vocês durante toda a temporada, uma pessoa que vai ter a honra, o orgulho que fez essa temporada com vocês. E eu gostaria de tá aí dentro nessa hora pra conversar, mas tem que ser por aqui, vai ser por aqui mesmo. [...] Eu queria falar com o meu amigo Rodolfo: Bastião (forma como o participante Rodolfo chamava o seu amigo Caio e era chamado dentro da casa), aquele assunto do João, né, foi um assunto que estava muito restrito ao João, a Camilla e ao Gil (Gilberto Nogueira), até o Gil (...) ,o João nem chegou a falar com o Gil direito assim, contou muito por cima para o Gil, falou mais com a Camilla mesmo do quanto ele tinha ficado magoado. Cami, vendo o que aconteceu ontem, né, no jogo, e vendo a forma como vocês se defendeu na hora, se foi pego de surpresa claramente, mas a forma como você se defendeu me preocupou e é por isso que tô aqui pra conversar com você de homem branco pra homem branco. Cami,(Camilla de Lucas) se você e o João quiserem me interromper a qualquer momento e me corrigir eu gostaria muito também e faço questão. Eu vi a sua defesa Bastião (Rodolfo)! E quando eu era mais novo no colégio, também brincavam com o meu cabelo, pela textura

do meu cabelo, porque o meu cabelo não é liso, aliás o pouco que me resta não é liso. As outras crianças lixavam o dedo assim, brincando que era cabelo de lixa, escondiam o lápis no meu cabelo, mas isso nunca fez a menor diferença pra mim. Porque o meu cabelo pra mim, assim como pra você pelo que você estava falando, pro seu pai, pra sua tia é um negócio que está espetado no meu crânio aqui, não faz a menor diferença na minha vida, eu não tô nem aí, meu penteado, se o meu cabelo está caindo, se manda a mensagem: ah! Tiago está ficando careca! não diz nada pra mim. [...] Um cabelo blakpower que é o cabelo do João não é um penteado é mais que um penteado é um símbolo de luta, de resistência, foi o que os americanos nos anos 70, os pretos americanos usaram como símbolo antirracista, eles vestiram o blackpower pra mostrar pra pessoas que eles se aceitavam, que eles se amavam, por quê? Porque até pouquíssimo tempo atrás uma pessoa como o João, como a Cami lá nos Estados Unidos, estou falando de uma país mais livre do mundo, heim!, tinha que levantar do ônibus para o branco sentar cara, não podia ir no restaurante. Estão, historicamente o cabelo do João foi associado a uma coisa errada, a uma coisa suja, a uma coisa feia, não existia cosmético pra pele da Camilla, não existia nada para o cabelo do João, isso a pouquíssimo tempo atrás. Até pouquíssimo tempo. E é por isso que quando a gente faz um comentário sobre o cabelo do João, a gente não está falando de penteado que foi o que você achou e que você encararia, e eu como homem branco também por muitos anos encarei. Você está falando de um símbolo, você está falando do que o João é, do que o João sente, do que o João viveu na pele dele, da história do João, da ancestralidade do João, tem muito aí.[...]”. O black é a coroa! E isso não sou eu quem está falando, quem me ensinou isso é um cara que eu tenho um amor profundo, porque eu tive a honra também de conviver, o nome dele é Alexandre Santana, mas vocês devem conhecê-lo como um apelido, um apelido racista, Babu, que vem de babuíno, vem de um macaco. Mas, o Babu pegou o apelido. Na primeira vez que o chamaram de babuíno Babu quebrou a cara de todo mundo na porrada, mas depois ele falou: quer saber, eu vou usar o Babu também como um símbolo de resistência, eu vou usar o meu nome artístico Babu, e nos deu uma aula no ano passado sobre o que é o blackpower, sobre abrir o black, como o black é a coroa. E talvez o seu pai, eu vi a foto do seu Juaréz, aliás um beijo pra ele. Realmente é muito parecido com o João, pra ele também não significava outra coisa. Mas, isso não muda a dor do João. A dor do João é legítima. E eu sei que nesse momento eu devo estar sendo trucidado na internet hoje, porque um momento aqui, é por isso que eu me afastei de várias redes sociais, ou você bota fogo no Rodolfo, ou você acha o João mímimi e vitimista. Eu não consigo ser nem uma coisa e nem outra. Eu não vejo maldade no que você fez e ao mesmo tempo eu legítimo a dor do João, porque tem milhares e milhares de meninos e meninas pretos e pretas que sentem a dor que o João sentiu. E a dor que o João sentiu ela não discerne entre um comentário ingênuo e um comentário maldoso. A dor é igual. O sem querer e o de propósito naquele caso, dói do mesmo jeito. E é por isso, que nós brancos precisamos nos informar, embora ver filme Sparkle, Infiltrado na Clã, filme maravilhoso, embora no youtube ver uns vídeos, embora pesquisar, a não sei o quê, eles não querem mais ensinar. Estão de saco cheio de ensinar. Eles estão no direito deles,

beleza cara! Ouvir, eles não querem mais. Toda vez tem que ensinar pra gente. Então, nós que temos acesso, você é um artista, cara! Eu sou jornalista, cara! É nossa obrigação ir atrás desse tipo de informação. E não cometer esse tipo de erro. Mesmo que ele seja quem quiser.

A partir dos depoimentos mencionados, percebe-se que, mesmo com os debates, avanços e lutas contra as práticas racistas na sociedade brasileira, muito ainda resta a ser feito, pois todos os dias a população negra vem lutando contra o preconceito, a discriminação e as desigualdades raciais e sociais. Quando se imagina que tais assuntos já se encontram resolvidos, situações como a mencionada e trabalhada no presente artigo acabam emergindo, o que corrobora para confirmar a ideia preconizada por Nogueira (2006) acerca do formato de preconceito que predomina no contexto brasileira, a saber, preconceito de marca.

A situação ainda permite o entendimento de que esse formato de preconceito está presente em diversas classes sociais, culturas, estilos de vida, profissões, carreiras, dentre outros, porquanto, mesmo uma pessoa totalmente exposta na mídia, detentora de várias fontes de construção de conhecimento e valores humanos, infelizmente tem sido instrumento colaborador para a manutenção desse formato de pensamento e de ideologia racial amplamente propagada, inclusive, influenciando e angariando adeptos.

4. Conclusão

No decurso da história, a população negra, em diversos momentos, tem ouvido piadas, comentários e brincadeiras que ofendem a sua aparência física e a coloca em uma posição de inferioridade na sociedade. O não interrompimento dessas brincadeiras e comentários, logo na sua gênese, colaborou para que socialmente fossem naturalizados e normatizados esses tipos de posturas, que continuam se disseminando e angariando repercussão ao longo do tempo, de forma direta e indireta.

Assim, na sociedade brasileira, existe um tipo de política cultural que faz uso do humor para expressar hostilidades em relação às minorias étnico-raciais, denominado de Racismo Recreativo, termo cunhado Moreira (2019). A partir desse conceito, foi analisada a situação de racismo vivenciada pelo participante João Luiz Pedrosa, durante um episódio no *Reality Show* BBB 21.

A análise realizada permite refletir sobre a importância de as temáticas envolvendo as relações étnico-raciais serem discutidas,

principalmente, no que concerne ao Racismo Recreativo, manifestado, de forma sutil, no Brasil. Tal formato de racismo incide em algo que endossa a disseminação de práticas racistas veladas, naturalizadas, soando como um impeditivo para que mecanismos legais e demais ações em defesa das vítimas, de fato, ocorram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?*. Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 232p. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>. Acesso em: jun. 2021.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, Jessé. *Multiculturalismo e racismo: uma comparação Brasil – Estados Unidos*: Paralelo15, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva. *Raça e Diversidade*. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996.

Sites visitados:

<https://revistaquem.globo.com/Entretenimento/BBB/noticia/2021/04/bbb-21-joao-chora-com-comentario-de-rodolfo-sobre-seu-cabelo.html>.

<https://www.cartacapital.com.br/justica/adilson-moreira-o-humor-racista-e-um-tipo-de-discurso-de-odio/>.

<https://hugogloss.uol.com.br/tv/bbb/bbb21-rodolfo-justifica-e-reforca-fala-racista-acusa-camilla-de-lucas-de-fazer-vt-e-influencer-da-invertida-certeira-no-brother-assista/>.

<https://globoplay.globo.com/v/9412647/>.

<https://globoplay.globo.com/v/9415693/>.

<https://www.eonline.com/br/news/1256303/tiago-leifert-conversa-com-rodolfo-sobre-racismo-no-bbb21>.

BBB21: Tiago Leifert fala com Rodolfo sobre comentário a respeito do cabelo de João – ISTOÉ Independente (istoe.com.br).